

## **Leitura e humanização: o letramento literário em uma abordagem crítica**

### **Reading and humanization: literary literacy in a critical approach**

Milton Cássio Andrade do Prado<sup>1</sup>

Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:** Este trabalho teve como objetivo investigar as benesses da abordagem de textos literários via letramento literário no ambiente escolar na busca da formação crítica de leitores: indivíduos capazes de refletir sobre a sua condição enquanto ser no mundo, ser para o outro e consequentemente sobre a humanização proporcionada através dessa reflexão. Optou-se pela metodologia de pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa para tratar do tema “leitura e letramento literário” utilizando-se da narrativa literária partindo da premissa de que seja aquilo que mais se aproxima da vivência humana experienciada no dia a dia. A formação de leitores que não esteja pautada na formação crítica e significativa do indivíduo tende à fragmentação e desvinculação da leitura em relação aos temas socio-político-econômicos que lhe são próprios. A abordagem acrítica das obras literárias corrobora tanto para a perpetuação de homogeneizações e grilhões sociais historicamente estabelecidos quanto para impossibilidade de proporcionar aos leitores o letramento crítico sobre esses arquétipos, e consequentemente deslegitimando a capacidade humanizadora do texto literário. A pesquisa mostrou, entre outras coisas, que o letramento literário aplicado à formação de leitores no ambiente escolar dá aos alunos a oportunidade de construir novos significados sobre o texto e se humanizarem por meio desse contato.

**Palavras-chaves:** Leitura. Letramento Literário. Humanização.

**Abstract:** This work aimed to investigate the benefits of approaching of literary texts by literary literacy in the school in search of critical training for readers: individuals able of reflecting on their condition as being in the world, being for the other one and consequently on the humanization provided through this reflection. It adopted for the methodology of bibliographic research with a qualitative approach to address the theme “reading and literary literacy” using the literary narrative based on the premise that it is the closest thing to the human experience experienced daily. The formation of readers that it is not based on the critical and significant formation of the subjects tends to fragment and disengage them of reading in relation to the socio-political-economic themes to which they belong. The uncritical approach to literary works corroborates both the perpetuation of historically established homogenizations and social chains and it makes impossible of providing readers with critical literacy on these archetypes, and consequently delegitimizing the humanizing capacity of which the reading of the literary text exhibits. The work showed, among other things, that literary literacy applied to the formation of readers in the school environment gives to the students the opportunity to build new meanings about the text and to humanize themselves through this contact.

**Keywords:** Reading. Literary Literacy. Humanization.

**Submetido em 10 de maio de 2022.**

**Aprovado em 20 de agosto de 2022.**

---

<sup>1</sup> Mestrando pelo PPGL da UFT-CPN. E-mail: milton.cassio@mail.uft.edu.br.

## **Introdução**

Este trabalho tem como objetivo propor reflexões a respeito das benesses ao se trabalhar a leitura que vise ao letramento literário no ambiente escolar, alcançando a formação crítica e significativa do leitor, contingencialmente a sua formação humana. Tais benefícios compreendem não só o âmbito laboral (do ponto de vista econômico), mas todas as esferas da vida em sociedade, tendo em vista que a formação de leitores críticos está visceralmente relacionada à promoção da humanização dos indivíduos na aquisição de novos sentidos no contato com o texto literário.

A análise proposta nesta pesquisa parte do pressuposto segundo o qual a abordagem de obras literárias que não esteja pautada no letramento literário do leitor tende a desvirtuar o texto, e em especial as obras literárias, daquilo que lhe é mais próprio: a capacidade de proporcionar a humanização por meio da interpretação, identificação e assimilação dos textos e obras lidas com as suas vivências mais próprias.

A importância do letramento literário se faz importante, especialmente, no que se refere à necessidade de dar ao ensino de leitura um significado para o leitor, e então não se perca de vista a vertente humanizadora da literatura.

### **1 Pressupostos metodológicos da abordagem crítica do letramento literário**

Minayo et al (1994) tratam da necessidade de o pesquisador propor uma investigação relacionada a um problema social, sendo este uma parte constituinte do real:

Nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção no real, nele encontrando suas razões e seus objetivos (p. 18-19).

Para os autores, além do método a ser utilizado é importante destacar o modo de utilização, pois isso deve ser feito como aliado da criatividade do pesquisador, sendo esse o elemento fundamental de uma pesquisa. Sobre o método e técnica aliados à criatividade do pesquisador como *modos operandi* da pesquisa, em particular as pesquisas sociais, os autores alertam:

Nada substitui, no entanto, a criatividade do pesquisador. Feyerabend, num trabalho denominado “Contra o Método” (1989), observa que o progresso da ciência está associado mais à violação das regras do que à sua obediência. [...] para Kuhn, o progresso da ciência se faz pela quebra dos paradigmas, pela colocação em discussão das teorias e dos métodos, acontecendo assim uma verdadeira revolução (p. 16-17).

Em relação ao método e abordagem escolhidos para esta pesquisa, optou-se pela metodologia de pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa para tratar da “leitura e humanização” por via do letramento literário, por entender-se que esse seja o método científico adequado na busca de discutir, partindo de critérios sólidos, a influência da leitura a lume do letramento literário em relação ao processo de humanização do leitor.

Desde o primeiro contato com o mundo, o indivíduo vê a necessidade de ler à sua volta, não sendo suficiente interpretar esse mesmo espaço. Ler é uma prática que trespassa a vida e tudo aquilo com o qual o indivíduo se relaciona dialeticamente no decorrer dela. Faz-se necessário ler não só o texto (escrito), mas o mundo e conseqüentemente a si próprio (como parte de uma maturação desse processo). Já no início da vida, o indivíduo se depara com a complexidade que o ensino-aprendizagem lhe oferece em relação à escrita, uma vez que este é um complexo sistema abstrato de representações e considerando-se ainda que a escrita é – grosso modo — a representação de sons por meios de símbolos gráficos.

A língua escrita possui uma funcionalidade que durante a vida o indivíduo passa a desenvolver e aplicar como aliada para desempenhar suas funções, as quais compõem tarefas da vida laboral, até as mais simples como escrever uma mensagem de texto, e outras que dizem respeito ao seu cotidiano, o que inclui a leitura do texto literário. O presente estudo parte da premissa de que a fruição do texto literário, aliada à prática de letramento literário, não apenas proporciona ao eu/leitor a decodificação técnica de representações gráficas como permite ainda buscar no próprio texto representações que proporcionem chaves de leitura do outro, do mundo e das nuances que as envolvem.

O pesquisador ao abordar o tema “leitura” deve ter em mente que ele perpassa todos os aspectos da vida do indivíduo. A leitura assume seu caráter transdisciplinar à medida que se torna evidente o fato de que media o ensino de todas as áreas do conhecimento. Ademais, a linguagem deve ser considerada a forma pela qual tanto se busca quanto se organiza o conhecimento adquirido. Sobre o papel decisório do signo linguístico, inclusive no que se trata da tecnologia digital (sua evolução e estabelecimento no cotidiano humano), o armazenamento e mediação do conhecimento, Freitas (2009) reitera:

Computador e internet introduzem uma forma de interação com as informações, com o conhecimento e com as outras pessoas, totalmente nova, diferente da que acontece em outros meios como a máquina de escrever, o retroprojeter. No uso do computador e da internet a ação do sujeito se faz de forma interativa e enquanto lê/escreve, novos

fatores intelectuais são acionados: a memória (na organização de bases de dados, hiperdocumentos, organização de arquivos); a imaginação (pelas simulações); a percepção (a partir das realidades virtuais, telepresença).

O autor ressalta as dimensões alcançadas pela linguagem, pois, mesmo o computador ou a rede mundial de computadores — internet — são instrumentos criados e empregados por meio da linguagem, de escrita e leitura.

Tendo em vista a importância da linguagem escrita na vida do indivíduo, este trabalho defende que o ensino de leitura pautado no letramento literário proporciona ao estudante não apenas identificar signos, mas experienciar práticas relacionadas ao seu contexto social indissociáveis a ele. Concebe-se que textos literários, como a narrativa, constituem aquilo que mais se aproxima do traquejo humano vivido e experienciado no dia a dia. É indispensável, portanto, que seja criada uma atmosfera problematizadora no momento das aulas de leitura, inclusive aquelas que se dediquem a trabalhar obras e textos literários, como é o caso das aulas de língua portuguesa reservadas para esse fim.

A presente proposta se justifica no atual cenário, em que se constata a urgente necessidade de iniciativas de formação de leitores que tenham como alvo o letramento literário, tendo em vista que, ao se formar um leitor dessa espécie, a escola lhe proporciona a possibilidade de experienciar o mundo ao qual pertence, o que pressupõe uma interpretação do outro e de si (leia-se humanização). É na busca do sentido crítico reflexivo do texto que o leitor encontra o seu próprio sentido enquanto ser humano, e é nessa ressignificação de si (refletindo sua própria imagem no texto, por meio da literatura e percebendo seu reflexo através do texto) que a literatura dá ao leitor os meios necessários de humanização enquanto ser social e individual *pari passu*.

Paulino e Cosson escrevem que o conceito de letramento literário pode ser definido como “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (2009, p. 67). Infere-se que todas as bases que constituem a obra literária estão relacionadas ao sentido que ela ganha no contato com o leitor. É leviano pensar no processo de letramento literário como algo que ocorre somente na sala de aula, haja vista que a apropriação das palavras como forma de experienciar o mundo é concebida nos vários espaços onde o sujeito se faz inserido, o que não apaga o fato de essa marcha acontecer de forma mais célere no ambiente escolar.

Há de se considerar que a formação do leitor não é algo homogêneo ou que possa ser desenvolvido por decreto, mas um processo paulatino e *sui generis*. Ao se abordar o

sujeito considerado leitor deve-se levar em consideração tudo o que contribuiu (ou não) para que ele se constituísse como tal.

Segundo os dados relativos ao Instituto Pró-livro<sup>2</sup> (IPL) que tem como intuito medir o nível de letramento e leitura da população brasileira, exposto na revista *Retratos da Leitura no Brasil* (2015), a leitura atualmente divide espaço com outras atividades, sendo a internet a que se destaca como a que as pessoas mais se ocuparam, isso inclui o tempo gasto em dispositivos como o computador e o aparelho celular. Um outro aspecto do perfil do leitor no Brasil contemplado na pesquisa é que os hábitos relacionados à prática de leitura são desenvolvidos na infância, reforçando o papel determinante dos mediadores, como pais e mães, também leitores.

Sobre o gosto pela leitura, os dados referentes ao IPL (2015) mostram que há uma relação entre o despertar dessa prática e a mediação/influência de um terceiro que serve como referência. Ao associar a porcentagem de leitores brasileiros e seu desenvolvimento no gosto pela leitura, a revista *Retratos da Leitura no Brasil* mostra que 1/3 das pessoas entrevistadas que se definem como habituadas a ler tiveram apoio de influenciadores, sendo as mães como as principais responsáveis pela associação da leitura com algo desejável de ser adquirido. A pesquisa mostrou também que a escola continua sendo um dos espaços onde as pessoas são estimuladas a ler, tornando ainda mais evidente o quão imprescindível é o papel do professor mediador no desenvolvimento do indivíduo como ser humano.

Comparando a humanização do homem à formação de leitores depreende-se que ambas necessitam da mediação de um terceiro, já que não podem ser concebidas partindo da imanência, mas por um processo paulatino e complexo que perpassa todos os momentos da existência do indivíduo. Dando sustentação à presente discussão, pesquisas e indicadores endossam o baixo nível dos leitores no Brasil. Por meio de dados como os do Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) cujo objetivo é medir o nível de alfabetismo no Brasil observando as suas habilidades em relação a leitura, escrita e matemática, constata-se um baixo desempenho dos brasileiros no que se refere à realização satisfatória de leitura e interpretação relacionados ao INAF de 2015.

---

<sup>2</sup> Associação de caráter privado e sem fins lucrativos cuja fundação ocorreu em outubro de 2006. Dentre os seus principais objetivos o IPL visa indicar o nível de letramento e leitura da população em geral recebendo recursos constituídos, principalmente, de entidades do mercado editorial. As pesquisas realizadas pelo IPL buscam promover ações de fomento ao livro e à leitura. Disponível em: <<https://www.prolivro.org.br/quem-somos/sobre-o-ipl/>>. Acesso em: 11 dez. 2020.

Quanto a indispensabilidade do outro – professores, pais e responsáveis – no que está relacionado ao letramento literário, à formação crítica e à busca do sujeito pelo significado de sua conjuntura histórico-espacial, Freitas afirma que “a inserção na cultura pela interação com o outro via linguagem é que possibilita a criança se tornar de um simples ser biológico em um ser cultural, humano” (2009, p. 4).

Os dados da *Retratos* apontam ainda que os filhos de pais analfabetos ou com menos escolaridade tendem menos a ser leitores que os filhos de pais com o nível de escolaridade maior. Isso mostra que, no Brasil, ao tratar de leitura o pesquisador deve ter em mente que o tema atravessa todos os aspectos relacionados à vida, o que inclui evidentemente sua dimensão socioeconômica.

O INAF<sup>3</sup> classifica como “analfabetos funcionais” indivíduos que não conseguem realizar tarefas como leitura de palavras e frases; e “rudimentares” os que não conseguem identificar ao menos uma informação explícita em textos curtos e familiares. Em contrapartida, estão no nível “elementar” os que são considerados funcionalmente alfabetizados, por ler e compreender textos de média extensão localizando informações envolvendo inferências que partem do leitor. No “intermediário” estão os que mesmo localizando informações em diversos tipos de textos têm dificuldades para perceber o posicionamento do autor e opinar sobre ele. No nível “proficiente” estão os que não têm dificuldades em compreender, opinar e interpretar textos em situações usuais mais complexas. Os leitores desse nível conseguem distinguir fato de opinião.

Tendo em vista dados do INAF mais recente, é passível de se considerar um crescimento no Índice de Alfabetismo Funcional tendo em vista o recorte de 2001 a 2015, e que houve uma pequena oscilação de 2015 a 2018, o que deve ser levado em consideração já que, em resumo, somente 7 entre 10 dos brasileiros entre 15 e 64 anos que participaram da pesquisa podem ser considerados Funcionalmente Alfabetizados. A pesquisa desvela que há ainda um longo caminho cheio de percalços a ser percorrido na busca de uma educação emancipadora e significativa, e favorável ao letramento literário do sujeito.

No trato à literatura, e mais especificamente ao texto literário, essa pesquisa traz à baila a necessidade de abordagem do texto de maneira complexa, ao contrário do que

---

<sup>3</sup> O INAF é uma pesquisa idealizada em parceria entre o Instituto Paulo Montenegro e a ONG “Ação Educativa” e realizado com o apoio do IBOPE Inteligência com o objetivo de mensurar o nível de alfabetismo da população brasileira entre 15 e 64 anos, avaliando suas habilidades e práticas de leitura, de escrita e de matemática aplicadas ao cotidiano. In: *Instituto Paulo Montenegro*. INAF. Disponível em: <<https://ipm.org.br/inaf>>. Acesso em: 21 out. 2020.

costumeiramente acontece nas escolas, onde o texto literário é tratado como um mero instrumento de estudos sobre estruturas de uma determinada língua, um acessório, ou prática associada ao puro deleite, o que passa a minimizar a sua envergadura e potencialidade. O presente trabalho parte da premissa de que o texto literário deve ser abordado como aquilo que mais se aproxima da manifestação crítica humana, em sua forma legítima de comunicação, construção e acúmulo de saberes que perpassam a ação do indivíduo no mundo.

O prazer proporcionado pela leitura, se erroneamente confundido com um “erotismo da narrativa”, minimiza-a, tornando-a um elemento estéril àquilo que lhe é mais próprio: sua ligação com o meio de onde ela se origina e com o qual dialoga. O real “prazer do texto” aqui proposto pressupõe a leitura que vá além da curiosidade ou sensações proporcionadas pelo ato da leitura, sendo antes uma ação pautada no prazer intelectual que vise à problematização das informações presentes no texto a fim de se alcançar o seu sentido mais próprio. Sobre a necessidade da abordagem crítica do texto, Barthes (1987) reitera que

nem a cultura nem a sua destruição são eróticas; é a fenda entre uma e outra que se torna erótica. O prazer do texto é semelhante a esse instante insustentável, impossível, puramente romanesco, que o libertino degusta ao termo de uma maquinação ousada, mandando cortar a corda que o suspende, no momento em que goza (p. 12).

Infere-se que a fragmentação no ensino de leitura que não leve a cabo os preceitos do letramento literário contribui para o tipo de análise pouco desafiadora da obra, causando a desmotivação do leitor em formação por deixar de lado a complexidade da qual a obra se constituiu. Infere-se também que a abordagem crítica visando ao letramento literário dos leitores exige que o professor mediador, em comunhão com o leitor, promova o despertar epifânico necessário, desencadeando um prazer que vá além do deleite ou contemplação da obra, mas prazer intelectual oriundo do “estranhamento” dela e da busca pelo conhecimento daquilo que lhe é inerente: o seu aspecto sociopolítico e econômico.

## **2 Vieses de leitura**

Ao se discutir o tema *leitura* cabe primeiramente investigar sua natureza e manifestação, sendo importante avaliar os vieses relacionados à leitura que tragam para o centro da investigação reflexões pertinentes ao tema, tendo em vista as nuances que

envolvem a formação de leitores assim como aquilo que estabelece a ligação entre leitor e obra no momento da leitura.

Afinal, o que é “leitura?” e o que é “ler?”. Em certa concepção, “ler” significa “decifrar o conteúdo escrito de algo por saber reunir as letras, os sinais gráficos [exemplos]: lia um anúncio; ainda não sabia ler” (DICIO, 2021). Em contrapartida a esse sentido literal, é necessário destacar a vertente transcendental da leitura que por vezes é confundida com a aprendizagem da escrita (sua manifestação mais próxima), o que se configura como um equívoco se considerarmos o seu viés social.

Para fazer um recorte e poder delimitar o que é ler, tratando especificamente da leitura do texto escrito, é importante que se parta do oposto, ou seja, do que não é considerada leitura escrita:

Mais que ato mecânico de decodificação, a leitura é uma atividade intelectual que se caracteriza pela inteligência de um discurso específico que se organiza segundo regras próprias, diferentes das da linguagem oral. Esse discurso apresenta estratégia argumentativa particular, com sintaxe, universo lexical e referencialidade específicos, constituindo o que se tem chamado de “o mundo da escrita” (BRITTO, 2012, p. 110).

Essa delimitação se faz importante para distinguir as diferentes naturezas ostentadas pela palavra “leitura”, tal qual as múltiplas aplicações desse léxico no cotidiano, como em “leitura do jogo”, “leitura da imagem”, “leitura das mãos”, “leitura labial” etc. É necessário destacar ainda a distinção entre leitura e interpretação, considerando que seja um erro crasso associar esta a um mero ato de decodificação mecânico, e não ao resultado de incentivos e estímulos voltados a sua promoção. Para Britto (2015, p. 28), “importa sublinhar que interpretar não é o mesmo que ler (ainda que faça parte da leitura), assim como ler é diferente de escutar, mesmo que em ambos os casos haja realização linguística, e diferente de ver, mesmo que para ler se lance mão da visão”. Para o autor, deve-se evitar, principalmente, generalizações que levariam a se perder de vista que leitura é tudo que indique uma atividade sensitiva intelectual que traz à tona a interação entre homem e mundo possibilitada por mediadores culturais.

A respeito do significado de leitura e o que a levou ao *status* atual de área de investigação delimitada que exige métodos e abordagens próprias, desvinculada de outras práticas como a alfabetização, Zilberman afirma que, no Brasil, isso ocorreu em meio à década de 70, quando “existiam sobretudo estudos e propostas de métodos renovadores de alfabetização, pesquisas sobre hábitos e preferências de leitor e discussões de problemas relativos ao ensino da literatura” (1992, p. 7). Alcançada a autonomia nos

estudos e frentes de trabalho, a leitura “passou a incorporar as contribuições da psicolinguística, sociolinguística e análise do discurso, entre as áreas de mais expansão, da teoria da literatura e pedagogia, entre as mais consolidadas” (p. 7).

Por outro lado, essa incrementação e até popularização da leitura não está relacionada apenas ao alinhamento das pesquisas brasileiras em relação às pesquisas mais recentes dos estudos linguísticos de outros países, pois no Brasil deve-se destacar alguns agravantes, como, por exemplo, a crise da leitura (ZILBERMAN, 1992).

Assim como a noção moderna de leitura, para Soares (2014) as noções de competências leitora e escritora são relativamente recentes em nosso contexto social:

Antes, nosso problema era apenas o do “estado ou condição de analfabeto” – a enorme dimensão desse problema não nos permitia perceber esta outra realidade, o “estado ou condição de quem sabe ler e escrever”, e por isso, o termo *analfabetismo* nos bastava, o seu oposto — *alfabetismo* ou *letramento* — não nos era necessário (p. 20, grifos da autora).

Mais do que discutir o analfabetismo torna-se cada vez mais necessário pensar a condição da pessoa que já é alfabetizada. Conseqüentemente, é preciso partir de uma mais atual concepção de leitura, assentando que ler e escrever não seja uma atividade mecânica e simplista, pelo contrário a leitura é o modo de abertura do homem para o mundo sensível e conseqüentemente para a sua própria humanização enquanto questão contingencial.

### **3 Considerações sobre leitura e letramento literário: chave de leitura**

O estímulo à literatura, expressão artística que se aproxima da vivência do indivíduo, quando afastado de uma visão crítica de leitura perde no conjunto da obra o caráter sociopolítico do seu contexto cultural de criação. É cada vez mais imprescindível que a escola, e, de maneira mais específica, a sala de aula de línguas, venha a ser um local fértil e propício para a abordagem de temas críticos, tendo como ponto de partida as práticas de letramento literário como meio indispensável para se abordar os textos literários.

Partindo do princípio segundo o qual uma obra literária não deve ser abordada sem que se proporcione uma atmosfera propícia a sua problematização, infere-se que a leitura de uma determinada obra não pode se dar ao luxo de ser considerada como algo pronto e acabado – do ponto de vista histórico – já que o fluxo de consciência criado pelos leitores/mediadores coloca em xeque questões que estão presentes no cotidiano dos leitores e dos próprios professores. Deve-se levar em conta o caráter vital da língua,

legítimo meio pelo qual os sujeitos questionam, agem e constroem o mundo e a sua própria consciência do mundo. Como diz Britto:

A língua não é um hábito que se exercita nem um jogo em que se entra e sai, tampouco é uma roupa que se veste conforme a ocasião. É uma totalidade que, constituída na história humana, institui os sujeitos, sendo marca de identidade, condição de pensamento, modo fundamental de relacionamento e de intervenção no mundo (2012, p. 63).

Ao se inferir que a obra literária, expressão da arte pela linguagem, é uma manifestação viva do sujeito, torna-se evidente a necessidade de uma abordagem que possa elencar essas questões, tendo em vista que as marcas particulares de cada texto devem ser potencializadas no momento da aula, visando à promoção da leitura crítica. Tal assertiva se justifica quando se passa a considerar a obra literária como verdadeiro meio de sensibilização e, conseqüentemente, de humanização do leitor em formação.

Cabe destacar o aspecto de vanguarda trazido pelo “letramento”, termo que muito recentemente passou a compor os estudos relacionados à leitura, inclusive os que tratam da formação de leitores. Dentre outras questões relacionadas à palavra *letramento*, merece destaque algumas distorções relacionadas ao seu emprego, como o afirma Soares: “*letramento*, palavra ainda desconhecida ou mal-entendida, ou ainda não plenamente compreendida pela maioria das pessoas, porque é palavra que entrou na nossa língua há muito pouco tempo” (2014, p. 29).

Segundo a pedagogia crítica freireana, *letramento* é um ato de conhecimento, reiterando que a emancipação do indivíduo só é possível desde que a educação promova o desenvolvimento da capacidade de leitura relacionada tanto ao mundo quanto à palavra. A necessidade da abordagem dos temas sociais acionados pelo texto literário à luz do *letramento* literário torna-se determinante, pois, uma vez considerado que tudo que é escrito é escrito por alguém, e que esse sujeito é dotado de crenças, paixões, ideologias e convicções, cabe ao leitor letrado criticamente assumir uma postura ativa em relação ao que ele lê. No que se refere à relação entre obras literárias e as intenções de quem as escreve, considera-se que o texto está embrenhado das peculiaridades de seu produtor, representando também as ideias de um grupo do qual esse sujeito faça parte.

Trata-se não apenas de identificar as intenções e crenças por trás das obras, mas de desenvolver um olhar crítico frente às intenções de quem as escreve, encarando-as como fatores precedentes à própria escrita. Partindo da premissa de que o ensino de literatura que a concebe como desvinculada dos temas críticos (tais como as discussões

que tratam de gênero, classe e religião) causa, dentre outras coisas, uma inevitável desmotivação por parte dos protagonistas do processo de ensino, tendo em vista que a aula assim realizada perde um aspecto atrativo do prazer estético da obra: o seu viés problematizador.

Ao abordar o letramento literário é mister que se discuta o que se concebe como sendo o sujeito letrado criticamente. Sobre o que está em jogo no letramento crítico, em especial no que trata do sujeito crítico, Pennycook (*apud* PESSOA; URZÊDA-FREITAS, 2012) afirma que todo o conhecimento, partindo do pressuposto da abordagem crítica, passa a ser encarado como parcial. Ao identificar essas lacunas o leitor percebe que o conhecimento adquirido não deve ser encarado como algo consagrado e sublime e que não seja passível de contestações, propõe-se fazer inclusive a crítica da crítica, pois, mesmo o sentido do que é “ser crítico” não é um conceito estático e engessado.

Segundo os autores supracitados é passível de se considerar que o desenvolvimento do pensamento crítico busca, principalmente, a identificação das diferenças ao passo em que se conscientiza o sujeito letrado de seus próprios interesses e de seus limites. É por meio da lucidez operacional, desenvolvendo inclusive a crítica da crítica, que o sujeito se reconhece como tal, e, conseqüentemente, se humaniza.

Em relação aos desafios aos quais os professores são constantemente submetidos infere-se que um percentual considerável das mazelas relacionadas tanto ao labor docente quanto ao sistema educacional assume aspectos contraditórios, e por isso pouco estimulantes. Entretanto, é por ser contraditório que permite aos envolvidos agirem dentro destas mesmas contradições, pois, as obras literárias inseridas nesse contexto incoerente ganham campo, podendo revelar suas contradições.

Sobre o aspecto contraditório do sistema educacional, Hooks lembra que “à medida que a sala de aula se torna mais diversa, os professores têm de enfrentar o modo como a política da dominação se reproduz no contexto educacional. Os alunos brancos e homens, por exemplo, continuam sendo os que mais falam em nossas aulas” (2013, p. 56).

Quem estaria mais interessado em discutir temas críticos e controversos em sala de aula que o sujeito oprimido? Cabe agora discutir maneiras que possam proporcionar a esses sujeitos momentos propícios à discussão e ao debate em sala de aula. Tratam-se aqui as aulas de leitura como ambiente que proporcione uma atmosfera favorável para que os alunos se sintam confortáveis para discutir e problematizar os assuntos de cunho crítico, tendo em vista o papel indispensável do professor como mediador dessas

discussões. A leitura de literatura deve propiciar as condições adequas para que os alunos possam, em grande medida, se desvencilhar dos grilhões históricos aos quais estiveram e estão aprisionados.

A partir dessa proposição, surgem questionamentos pelo fato de o ambiente escolar ser, enquanto realidade, um aparelho real ideológico do Estado, e enquanto possibilidade, ser um ambiente de “libertação”. Faz-se evidente a necessidade de o professor letrado literariamente assumir o seu papel fundamental no processo (porque é processual) de agente de letramento no ambiente escolar, e que o “engajamento” dos alunos possa assumir uma postura que atenda às demandas relativas aos objetivos a serem alcançados no momento da aula — pensando a escola sob um viés menos institucionalizado.

Para evitar-se os equívocos cometidos no momento de se empregar os termos alfabetização e letramento, é oportuna a distinção operada por Soares: “alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita” (2014, p. 39-40). Silva et al acrescenta:

A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isso é levado a efeito, em geral, por meio do processo de escolarização e, portanto, de instrução formal. A alfabetização pertence assim, ao âmbito do individual. O letramento por sua vez, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. Entre outros casos procura estudar e descrever o que ocorrem nas sociedades quando adotam um sistema de escritura de maneira restrita e generalizada [...]. O letramento tem por objetivo investigar não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado, e, nesse sentido desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social (2014, p. 13).

Dentre as nuances que distinguem entre si os processos de alfabetização e letramento destaca-se o posicionamento ativo do sujeito letrado criticamente, já que se considera o fenômeno de letramento, e em especial o literário, como uma forma de se posicionar ativamente fazendo uso do conhecimento previamente adquirido por meio de recursos escritos (ou não). Nos pressupostos do letramento literário tanto os indivíduos não alfabetizados quanto os alfabetizados ganham destaque, já que a introdução do tema letramento nos estudos sobre leitura tem como objetivo investigar inclusive a condição de uso de quem adquiriu as habilidades de escrita, ou seja a forma como as práticas de

escrita e leitura são aplicadas no dia a dia do leitor, e ainda esmiuçar as consequências disso na sua forma de agir em relação ao mundo e/ou ao outro.

Para Britto,

o ensino e aprendizagem da leitura e da escrita fazem parte das atividades de todas as disciplinas (donde o caráter transdisciplinar dessa aprendizagem). Deve-se propor ao educando não apenas a informação, mas a busca através do texto escrito. A própria atividade de organização do conhecimento deve ser escrita, cabendo aos professores de todas as disciplinas o trabalho organizado com a leitura e a redação (2012, p. 94)

O caráter transdisciplinar da linguagem faz da leitura o próprio meio de libertação do indivíduo em seus vários aspectos, principalmente os que tratam da sua emancipação, possibilitando-o atuar ativamente frente ao mundo que o cerca onde ele se reconhece como ser pertencente.

#### **4 O tema da leitura no Brasil: o letramento literário como prática social humanizadora**

A discussão sobre leitura no Brasil atravessa múltiplas questões, como o aspecto social, econômico e cultural, além de tópicos como: alfabetização, letramento, alfabetismo funcional, práticas docentes e família, as práticas docentes etc. Sobre as ópticas pelas quais a leitura pode ser discutida, Britto discorre:

A posse da escrita, na sociedade de classes, está desigualmente distribuída. Quem mais domina e faz mais uso dela são os grupos que detêm o poder econômico e político. Em toda a sua história, a escrita e os bens culturais que veicula foram controlados pelos grupos dominantes, ainda que sempre tenha havido disputas e rupturas (2012, p. 88).

O autor ressalta que, não por acaso, o uso e rumos que a escrita tem tomado se devem ao modo como a sociedade de classes está posta, considerando que o desenvolvimento e a expansão do uso da escrita estão vinculados, inclusive, às necessidades imediatistas e tecnicistas da formação de mão de obra não pensante para atender aos meios de produção.

Ao se adotar o letramento literário como meio de abordagem do texto, a obra literária passa a ser encarada como um registro histórico de indivíduos históricos; a prática do letramento literário em sala de aula proporciona o que pode ser considerado como uma arqueologia do saber, ou do conhecimento, pois o leitor crítico passa a “escavar” a obra

na busca de indícios de representações sensíveis e próprias de seu contexto social. Sobre o assunto, Camargo (2016) explica:

Afinal a literatura se realiza através da linguagem para colocar em cena o homem, as suas ideias e as suas concepções de vida em sociedade. Assim, segue esse homem societal experienciando a sua existência por meio de atos, ideias e linguagens, tensionados nos seus mais diferentes níveis e problematizações (2016, p. 44).

Desde a sua criação e no decorrer dos tempos a escrita esteve ligada aos meios de produção de bens que passam a ditar os costumes do homem. Sobre o estabelecimento da escrita no cotidiano humano e o que ela passa a representar na vida dos indivíduos, Zilberman lembra que, uma vez criada, ela passou a diferenciar os homens uns dos outros, conferindo destaque aos que a dominavam: “O escriba foi, até a decadência da civilização micênica, no final do segundo milênio a. C., um indivíduo privilegiado, pois, ainda que proviesse das massas populares livres ou escravas, tinha acesso à vida palaciana, circulava entre a aristocracia e estava próximo à realeza” (1992, p.11).

O debate sobre a leitura demanda uma reflexão sobre a relação entre a escola e o meio onde ela está inserida, pois seria leviano pensar em escola sem pensar nas estruturas sociais das quais e com as quais ela se constituiu. Sobre os resultados insatisfatórios relacionados à prática de leitura desempenhada na escola, em específico ao contexto brasileiro e suas especificidades como o desinteresse perpetuado em relação à literatura, Zilberman (1984, p. 66) afirma que “a poesia e a arte em geral participam de uma área ‘não lucrativa’ onde se inserem as atividades prazerosas e lúdicas, excluídas do programa de vida de uma sociedade voltada para o ganho”.

Segundo a autora, pode-se desvincular o ensino de literatura similarmente ao ensino da arte como algo que perde espaço no ambiente escolar quando pensado pelo viés emergencial capitalista, no qual o capital produzido quase sempre é relacionado ao bem material e não ao intelectual. Faz-se necessário discutir as questões sociais às quais o tema leitura está visceralmente relacionado. Dito isto, saltam aos olhos temas que tratam da desigualdade social, a qual interfere diretamente na constituição do perfil de leitor brasileiro.

A relação entre leitura e sociedade faz parte de um conjunto de relações que permeiam a vida do indivíduo desde as primeiras formas de instrução de ensino. Logo se vê na discussão sobre a estrutura socioeconômica e as suas demandas um campo fértil para se analisar, inclusive, o desempenho dos leitores que a compõem. Sobre a

complexidade que o tema “leitura” ostenta, em especial no que se refere à desigualdade social no contexto brasileiro, Buarque afirma que a grande fábrica da desigualdade no Brasil é a escola: “algumas [crianças] vão cedo para a escola, outras não; algumas permanecem na escola até a vida adulta, outras não. E, adultas, algumas conseguirão um bom emprego, graças à sua formação, outras não” (2011, p.10). Com isso, Buarque sistematiza os diferentes caminhos que as pessoas tomam desde crianças, e as consequências deles na vida de cada sujeito, não descartando o papel da escola como reprodutora desses instrumentos de segregação.

Chega a se configurar como ingenuidade pensar que todos desfrutam das mesmas condições, tanto de acesso aos meios culturais de consumo (como livros, museus, peças etc.) quanto de posse dos aparatos intelectuais necessários para elaborar uma análise crítica sobre eles.

Tornam-se cada vez mais genéricas discussões que apontam a necessidade de uma formação crítica do leitor enquanto consumidor de bens que compõem os diversos produtos da cultura de massa. O indivíduo letrado, ao considerar o conhecimento adquirido como parcial, passa a enxergar inclusive que os maiores interessados na manutenção de estruturas econômico-sociais vigentes fazem uso da leitura como um veículo de propagação de ideias que levem seus ideais de homogeneização de padrões sociais e perpetuação do *status quo* a cabo.

Sobre o desencantamento do homem em relação ao iluminismo e a sua cultura de massa no contexto pós-guerra, Adorno e Horkheimer (1985) dissertam:

É só por isso que a indústria cultural pode maltratar com tanto sucesso a individualidade, porque nela sempre se reproduziu a fragilidade da sociedade. Nos rostos dos heróis do cinema ou das pessoas privadas, confeccionados segundo o modelo das capas de revistas, dissipa-se uma aparência na qual, de resto, ninguém mais acredita, e o amor por esses modelos de heróis nutre-se da secreta satisfação de estar afinal dispensado de esforço da individuação pelo esforço (mais penoso, é verdade) da imitação (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 73).

Faz-se necessário tecer considerações que esclareçam a interface literatura/cultura tendo em vista que mesmo o texto literário possuindo características arbitrárias não deixa de sofrer interferências tanto do contexto cultural quanto dos ditames da sua época. Os elementos da chamada indústria cultural podem vir a ser modelos hegemônicos imitáveis, porém o indivíduo letrado é capaz de perceber, como ressalta os autores citados, as influências que esses meios de consumo simbólicos exercem sobre eles. Em contrapartida há também o contexto no qual o leitor está inserido, as bases de significado do obra não

fazem parte apenas do aspecto linguístico, mas de contextos de criação e recepção que se desvelam no ato da leitura.

Os pressupostos do letramento literário visam a potencialização da capacidade do leitor em penetrar, por meio da leitura, nas camadas que até então não se mostravam para ele como acontece na industrial cultural.

Sobre a escola e o papel que lhe é atribuído em relação ao desenvolvimento da consciência coletiva (diga-se humanização) dos leitores, Cosson (2009, p. 65) defende:

Na escola é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura.

Deve-se ter em mente que o letramento literário por meio literatura ultrapassa os limites da escola, pois é uma prática que se inicia desde a alfabetização e que se estende por toda a vida adulta. O aluno desenvolve práticas de letramento mesmo antes da alfabetização quando escuta uma história, um poema por via oral.

Discutindo a respeito, Mügge (2011):

A escola, mais tarde, de forma gradativa, ampliará o leque de opções dos bens culturais sob a forma de ficção. Assim, a alfabetização é fator fundamental para o processo de letramento. Dito isso é possível concluir que o papel da escola é relativo, visto que tanto a alfabetização, quanto o letramento, e inclusive o literário, podem se dar fora dela. No entanto, o seu papel torna-se distinto e significativo pela instauração do fazer pedagógico. As ações são pensadas, planejadas, orientadas para assegurar a aprendizagem. (MÜGGE, 2011, p. 67-68).

O autor destaca que mesmo a escola sendo o local onde em tese o letramento acontece de maneira sistematizada a prática de letramento perpassa todas as vivências do aluno/leitor por meio dos sentidos adquiridos em contato com o texto, o que não exige a escola do seu papel de local formador de leitores críticos tendo em vista que no ambiente escolar o leitor está exposto ao contato frequente, metodizado e regular com o texto literário.

O ensino de leitura literária, mesmo inserido num contexto socioeconômico tecnocêntrico inoperante que pouco se aprofunda no seu significado e não sendo capaz de atingir todas as potencialidades do texto, ainda ocupa lugar cativo entre as disciplinas escolares por ter como uma de seus principais atributos a faculdade de contribuir para a formação humana no aluno/leitor.

O texto literário, oriundo do trabalho com a linguagem, se diferencia de outros textos assim como a sua abordagem crítica se constitui como prática social relevante, tendo em vista o seu alcance, pois, é o “estranhamento” do texto quando abordado de maneira efetiva que causa o “prazer estético” e conseqüentemente o letramento literário do aluno.

Faz-se importante ressaltar que a prática de letramento se diferencia da leitura literária por fruição, daí a importância do professor/mediador entender essas nuances no intuito de não descaracterizá-lo. Tratando dessas especificidades, Cosson (2009) insiste:

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2009, p. 23).

Infere-se que o letramento literário como prática de humanização vai passar ao largo de se resumir à leitura fluente de uma obra (destacando que aquele necessita dessa), mas de um contato efetivo e constante do aluno com o texto de modo a provocá-lo desencadeando inclusive o prazer estético da obra.

### **Considerações finais**

Diante do que foi dito defende-se que deva haver na escola um trabalho baseado em estratégias de leitura em torno do texto literário que proporcione ao aluno o contato aprofundado e constante com o texto tendo em vista que essa construção de sentidos não se esgota, um dos pressupostos do letramento literário. Defende-se que a escola seja o local onde a literatura é melhor abordada, tanto no que se refere à abordagem pedagógica quanto na constância no contato com o texto, aspecto indispensável no processo de letramento literário, pois não se descarta os esforços e as ações das escolas, de maneira mais específica, dos professores de literatura em relação ao ensino de literatura.

Durante o trabalho destacou-se que o tema relacionado ao letramento literário que envolve a leitura literária está intrinsecamente envolto de questões sociopolítico-econômicas, a título de exemplo destaca-se questões relacionadas ao prestígio do ensino de literatura, na falta de investimentos dos governos, na abordagem tão-somente tecnicista do texto, na utilização da literatura como meio de impor valores morais e religiosos e morais servindo na grande maioria das vezes interesses particulares e classistas.

Tendo em vista essas e outras nuances envolvendo o ensino de leitura literária no ambiente escolar cabe ao professor (letrado) utilizando-se de estratégias pedagógicas pré-estabelecidas proporcionar ao aluno uma atmosfera problematizadora nas aulas de leitura de textos literários, sendo este um atributo indispensável na busca do letramento literário do leitor. Destacou-se ainda que a prática de letramento literário vai muito além da leitura fluente do texto, pois, é acima de tudo uma prática social na qual o leitor se apropria da leitura enquanto construção literária de sentidos e conseqüentemente de humanização.

## Referências

ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Tradução de Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1985.

BARTHES, R. *O prazer do texto*. Tradução Jaime Guinzburg. 5ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BRITTO, L. P. L. *Inquietudes e desacordos: a leitura além do óbvio. A leitura além do óbvio*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. *No lugar da leitura: biblioteca e formação* [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Edições Brasil Literário, 2015. Disponível em:

<[http://www.euquerominhabiblioteca.org.br/wpcontent/uploads/2019/04/nolugardaleitura\\_percivallemesbritto\\_PDFDIGITAL.pdf](http://www.euquerominhabiblioteca.org.br/wpcontent/uploads/2019/04/nolugardaleitura_percivallemesbritto_PDFDIGITAL.pdf)>. Acesso em: 22 Jan. 2021.

BUARQUE, C. *A Revolução Republicana da Educação: Ensino de Qualidade para todos*. São Paulo, Editora Moderna LTDA, 2011.

COSSON, R. *Letramento Literário: Teoria e Prática*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

DICIO, *Dicionário Online de Português*. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=contingencial>> Acesso em: 15 dez. 2020.

FREITAS, M. T. A. *Janela sobre a utopia: computador e internet a partir do olhar da abordagem histórico-cultural*. In: 32ª Reunião Anual da Anped, Caxambú, Anais eletrônicos... 04 a 07 out. 2009.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO – IPL. *Relatórios INAF 2015*. Disponível em: <[https://www.prolivro.org.br/wpcontent/uploads/2020/07/Pesquisa\\_Retratos\\_da\\_Leitura\\_no\\_Brasil\\_-\\_2015.pdf](https://www.prolivro.org.br/wpcontent/uploads/2020/07/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf)>. Acesso em: 01 dez. 2020.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. *Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) – Resultados Preliminares*. [S.l.]. 2018. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1ez-6jrlrRRUm9JJ3MkwxEUffltjCTEI6/view>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MUGGÜE, E. Ensino Médio e educação literária: propostas de formação de leitor. Porto Alegre, 2011.

PAULINO, G.; COSSON R. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Orgs.). *Escola e leitura: velha crise; novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

PESSOA, R. R.; URZÊDA-FREITAS, M. T. de. *Ensino crítico de línguas estrangeiras*. In: Figueiredo, Francisco Quaresma (Org.) *Formação de professores de línguas estrangeiras: princípios e práticas*. Goiânia: Editora UFG, 2012. p. 57-80.

SOARES, M. *Letramento: Um tema em três gêneros*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

ZILBERMAN, R. (Org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 3 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

ZILBERMAN. R; THEODORO E. Leitura: Por que a interdisciplinaridade. In: Regina Zilberman & Ezequiel Theodoro da Silva. *Leitura: Perspectivas Interdisciplinares*. 5 Edição. Editora Ática, 1992.